A ARMADILHA DA RENDA MÉDIA

Maria da Conceição Rodrigues Pereira[1]

Resumo:
Este trabalho tem como objetivo um levantamento bibliográfico sobre "a armadilha da renda média", através das experiências de autores ao tipo de ocorrência, em relação aos níveis de baixa, média e alta, com fazes de transições, de baixa pra média e desta pra alta, no comportamento do cenário mundial e a experiência do Brasil neste evento. Na proporção o desempenho do crescimento econômico apresenta as consequências de dificuldades que o mercado competitivo possa enfrentar pelas trajetórias. Entretanto, a posição política, populacional, produtividade e a tecnológica em lidar com mudança de infraestrutura e aceitação social, a mencionar a rural, sendo influenciados pelas migrações às áreas de desenvolvimento, o per capita e oportunidades de crescimento. O pensamento estratégico se apresenta em não cair na "armadilha", demonstrando uma renda média, não se estagnando por uma alta, assim o alavancar resultados está no entender o ramo produtivo, e aos investimentos, e perceptível o equilíbrio do empasse de uma renda baixa para média, sobretudo, neutralizar o que passa a dificultar o passar da renda média à alta. O despertar está no traçar metas para o desenvolvimento econômico às novas gerações por meio de transformações criativas de valores, seja na capacidade produtividade, comportamental ou econômico. O fator industrial nivela ao avanço que reflete no comportamento populacional e per capita, onde os níveis de rendas é a imagem da queda em relação à economia sustentável. Sobretudo, os preceitos de evitar cair na armadilha da renda média, reavaliando a mão de obra e o fomento da produção consciente com o estímulo da tecnologia necessária, valorando o ambiente, incentivando e inovando em comprometimento com as questões socioambientais dentro de uma visão de um capitalismo empreendedor à estabilidade, assim decolar com a economia competitiva.

Palavras-chave: armadilha da renda média. desenvolvimento econômico. desaceleração da produtividade.

[1] Consultora Ambiental – Bioquality Serviços Eireli
Licenciando em Química. Faculdade de Teologia e Ciências.
Mestranda em Estudos Ambientais. Universidade de Ciências Empresariais e Sociais/AG
Especialista em Engenharia Ambiental. Universidade do Estado do Pará
Especialista em Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental, Instituto de Avaliações e Perícia do Estado do Pará
Licenciada Plena em Matemática. Universidade da Amazônia
Email: concespma@hotmail.com

Introdução

Nos relatos de diversos autores “a armadilha da renda média” em certos países desperta o foco da mobilidade das transições da renda baixa para média e esta pra alta, influenciada pelo crescimento econômico, em função da qualidade produtiva que envolve a mão de obra principalmente na área rural, estagnando os momentos transitórios das referidas rendas, afetando os resultados desejados. Assim, “armadilha da renda média” denota a situação de uma economia emergente quando ela entra em um nível de renda média e não mais sai dele.” (MUELLER, Antony, 2016, aput ARTIGO, p. 1)

De acordo com SOUSA (2017, p. 1),”em meados de 2000, a transição quando se submete ao empasse da renda média pra alta, evidencia o impacto econômico principalmente da renda baixa pra média, refletindo que a falta de estratégias pra alavancar a renda média à alta influencia na estabilidade, dificultando este progresso. Em posição, “... o processo comumente observado de diminuição do crescimento de uma economia quando esta se desloca da renda baixa para a média.”

No contexto mundial os levantamentos posicionam em que o alcance dos nivelamentos de rendas per capita depende do desenvolvimento de cada país, assim como o patamar econômico por alcançar. Equivalendo que, “atualmente, o Banco Mundial define a faixa entre US$1.036 e US$4.085 per capita como "baixa renda média" e entre US$4.086 e US$12.615 como "alta renda média". (MUELLER, Antony, 2016, aput ARTIGO, p. 1).

Os modelos econômicos questionados têm no enfoque os latinos americanos e europa, considerando este propício a sustentabilidade de rendas médias e as transições viáveis pelas possibilidades dos avanços pela capacidade em mantenedora de recursos infraestrutural e produtivo. Entretanto, a verificação dos efeitos nas rendas quando se propõe a melhoria, os investimentos tecnológicos, em pessoas e técnicas de crescimentos, tornando possíveis os avanços, e que por outro lado, se colocam situações desfavoráveis às de renda baixa à média.

Portanto, se apresenta que os valores a questionar aos meios políticos, populacional, econômicos em percepção das estratégias ao crescimento, a capacidade de inovação e possibilidades de transições das rendas, e que possíveis ações possam favorecer as coerências quando se trata do questionamento “a armadilha da renda média, é possível evitar?”

1. A Armadilha da Renda Média: Uma visão literária

O vice-presidente da Academia de Ciências Sociais da China (Cass, na sigla em inglês), Zhao Shengxuan, afirmou que a grande missão da China no momento é evitar cair na armadilha da renda média. O fenômeno ocorre quando países de renda média não conseguem avançar em direção a uma renda mais elevada. ... citou medidas que são necessárias para fugir desse risco e apontou que a China tem muito a aprender com o Brasil. ... Os governantes chineses estabeleceram como meta duplicar a renda da população até 2020. (CARNEIRO, 2013, aput SEMINÁRIO... p. 1). Este tipo de experiência passa a fortalecer o Brasil em reavaliar os recursos apropriados, ao nivelamento da renda média à sociedade em busca de sustentabilidade frente a disponibilidade econômica, neutralizando riscos prováveis ao desenvolvimento de padrões sociais, se tornando referência à consolidação da renda média, tendo cuidado na provável transição pra renda alta na jurisdição.

A armadilha da renda média significa que o país não consegue alterar sua estratégia de crescimento, saindo de um modelo acumulativo e imitativo e indo para um modelo de economia competitiva, empresarial e inovadora. Imitar as economias pioneiras gera altos retornos somente quando a distância entre a economia emergente e os países avançados é

grande. Quando a distância diminui, a imitação torna-se mais difícil e mais arriscada. O futuro é desconhecido e exige experimentação para se descobrir qual tecnologia irá funcionar. Esta trajetória envolve um constante processo de tentativa e erro, o qual requer habilidades muito mais sofisticadas do que a mera imitação de tecnologias maduras. (INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL, 2014, aput ARTIGO, p. 3). Para tanto, vale refletir diante por novas oportunidades, reavaliando os cenários econômicos, identificando fatores pontuais que venham interferir no equilíbrio pelos avanços, estreitando os campos de atuações promissores à movimentação econômica, como os meios tecnológicos com desenvolvimento de ideias e ideais, desafiando o crítico que possa interferir ao crescimento da renda média, no caso no Brasil.

> Ferramenta utilizada para analisar a estagnação da economia brasileira a partir dos anos 1980, a noção de "armadilha" hoje vem sendo empregada para examinar o futuro das economias de renda média da Ásia que experimentaram elevado crescimento do final da década de 1970 até hoje. Mais do que tudo, examinar hoje a "armadilha" traz à tona os verdadeiros elementos que permitem crescimento elevado – e sustentado – ao longo do tempo. Os pressupostos dessa maneira de analisar o problema são os seguintes: é mais fácil – e rápido – para uma nação deixar um nível de renda baixa para o de renda média do que sair da renda média e ingressar no clube de países de renda elevada. O percurso da renda baixa à media se faz por "imitação" (adaptação criativa). O da média à alta por "inovação" (destruição criativa). Países de crescimento rápido são aqueles cuja economia expande-se a níveis superiores a 3,5% ao ano em ciclos de no mínimo 7 anos. (TROYJO, 2012, aput ARTIGO, p. 1).

Entretanto, se compreende que a melhoria é contínua e necessita de incentivos, sendo assim a trajetória de renda baixa à média favorece disponibiliza oportunidades "facilitadas", porém ao segmento à média alta, se eleva os investimentos, mobilizando o fator econômico frente aos recursos, se fechando em indisponibilidade.

Os países emergentes caem na armadilha de renda média porque, em vez de abraçar o capitalismo inovador, acabam ficando presos a um sistema econômico estatista e arcaico. Não é raro que a velha elite passe a explorar o medo da população em relação à "tempestade perene da destruição criativa" (Schumpeter) do capitalismo dinâmico. Porém, ao renunciar à destruição criativa, esta economia em desenvolvimento também acaba por rechaçar a prosperidade, e passa alimentar a ilusão de que é possível enriquecer dentro de um sistema estático. Na realidade, os países em desenvolvimento que permanecem com um capitalismo de estado não apenas não ganham prosperidade, como também perdem a estabilidade quando inevitavelmente descamba no círculo vicioso do declínio econômico, o que faz com que o sistema político comece a oscilar entre o autoritarismo e o populismo. Vide Argentina e Venezuela, por exemplo. (MUELLER, Antony, 2016, aput ARTIGO, p. 3). Na contrapartida, a inovação de valores políticos parece não andar, tornando a renda média pra alta um marco de ampla dificuldade afetando diretamente a economia do país, fato que interfere nos investimentos junto a sociedade em função do preparo, a exemplo da própria educação, saúde, tornando uma sociedade despreparada e impossibilitada de progredir.

2. O Brasil no contexto da armadilha da renda média

De acordo com o tipo do cálculo do Banco Mundial, o Brasil chega bem perto do limite da categoria dos países de alta renda, mas ainda está na faixa da renda média alta, conforme tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Faixas da renda segundo classificação do Banco Mundial

Classificação	Renda nacional per capita em US$	Países representativos selecionados
Alta renda	> 12.616	Suíça (82.730)
Renda média alta	4.086-12.615	Brasil (11.630)
Renda média baixa	1.036-4.085	Paraguai (3.290)
Renda baixa	< 1.035	Congo (200)

Fonte: Banco Mundial

Estar preso na faixa da renda média significa que o país é incapaz de prosseguir o seu caminho de crescimento, aquele que ele vinha mantendo durante a fase da decolagem. Em vez de manter um crescimento moderado, o país cai em uma fase de crescimento fraco. (INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL, 2014, aput ARTIGO, p. 2). As evidências tornam o Brasil um mar estagnado, pois se tem alternativas favoráveis ao crescimento econômico, porém, estrategicamente desfavorável por alavancar resultados, assim fica estagnado em uma equivalência de renda média e sem força ao nivelamento elevado, valendo refletir nas politicas pra um desenvolvimento econômico onde não se tem um quadro preparado em mobilizar tais resultados.

O Brasil tem como romper as amarras da armadilha da renda média? É difícil, pois como bem aponta o professor Barry Eichengreen, da Universidade da Califórnia, Berkeley, a desaceleração do crescimento é sinônimo de desaceleração da produtividade total dos fatores (PTF). Estudo realizado em 2010 pelos economistas Fernando de Holanda Barbosa Filho, Samuel de Abreu Pessôa e Fernando Veloso da Fundação Getúlio Vargas mostra que entre 1992 e 2007 a PTF no Brasil cresceu apenas 11.3%. Estes são parâmetros esclarecedores. Reforçam a noção de que os períodos de elevado crescimento da economia brasileira associam-se (I) à vigorosa demanda global por commodities em que o Brasil apresenta vantagens comparativas ou (II) a períodos de proteção do mercado via substituição de importações, forte papel do Estado na composição da demanda e consumo interno voraz. (TROYJO, 2012, aput ARTIGO, p. 2). Portanto, ao Brasil cabe reavaliar as “armadilhas” que passam a interferir nas fragilidades e interferências a este crescimento, considerando ser promissor de recursos únicos que possam subsidiar na mudança deste tio de cenário.

Para conseguir alcançar as economias avançadas, o Brasil precisaria apresentar uma taxa média de crescimento do PIB per capita de 4,2% durante os próximos 50 anos. Só assim será possível alcançar o nível médio dos países de alta renda da OCDE. Igualmente, seria necessária uma taxa de crescimento econômico per capita de 4,7% para se chegar ao nível da renda dos Estados Unidos. Entre as economias emergentes, apenas a China consegue apresentar uma taxa de crescimento per capita suficiente para alcançar os níveis dos países ricos. O Brasil, com uma taxa de 1% durante o período de 1980 até 2011, está bem fora desta expectativa. (MUELLER, Antony, 2016, aput ARTIGO, p. 4). Diante o contexto, o Brasil se posiciona diante de uma estatística que dificulta à proximidade da renda alta, considerando as esferas de países com economia predisposta ao avanço, porém, as perspectivas despertam as reflexões pelos recursos disponíveis, tais como os naturais que possam fortalecer e conduzir melhor esta taxa de crescimento, seguindo ao patamar renda média para alta, vale um posicionamento de estratégias junto ao PIB per capita ao longo destes 50 anos.

3. A armadilha da renda média no mercado industrial

O desenvolvimento econômico é uma corrida de maratona com obstáculos. O primeiro obstáculo consiste em saber superar a barreira que surge quando a baixa renda passa a limitar a poupança e os investimentos, e consequentemente a acumulação de capital.

O segundo grande obstáculo é a armadilha malthusiana, que ocorre quando a população aumenta, mas a renda per capita não sobe. Foi a Revolução Industrial quem quebrou este padrão da estagnação. Parte do mundo saiu da armadilha da pobreza. Com o avanço da Revolução Industrial a taxa de reprodução diminuiu ao passo que a produtividade econômica aumentou. A armadilha malthusiana desapareceu com a transição demográfica e pavimentou o caminho para um grande aumento dos níveis de renda. Um pequeno grupo de países pioneiros liderou este permanente processo de inovação. Sucessivas revoluções industriais durante os últimos dois séculos levaram a ganhos cada vez maiores de produtividade. (INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL, 2014, aput ARTIGO, p. 4). O efeito da armadilha malthusiana sobrepõe na realidade do Brasil, refletindo sob a fragilidade do próprio controle de natalidade contribuindo ao crescimento populacional, assim o impacto na renda per capita estagna assim a presença industrial passa a ser ponto positivo frente à sustentabilidade populacional.

SONAGLIO *et. al*. (2017, p.8). "... Como a evidência empírica tem demonstrado, os países latino-americanos têm enfrentado maiores dificuldades em contraste com a melhor *performance* em termos de crescimento dos países asiáticos (Figura 1). Base ao perfil vale a compreensão da caracterização de localização, fronteiras, e estrutura de desenvolvimento contrapondo ao desempenho, mediante uso consciente de recursos, e políticas internas de desenvolvimento econômico, no qual possa favorecer aos asiáticos, tornando-os forte infraestrutura e economicamente viável aos investimentos, contribuindo à estabilidade à renda alta pela representação de produtividade, não sendo referência aos latino-americanos.

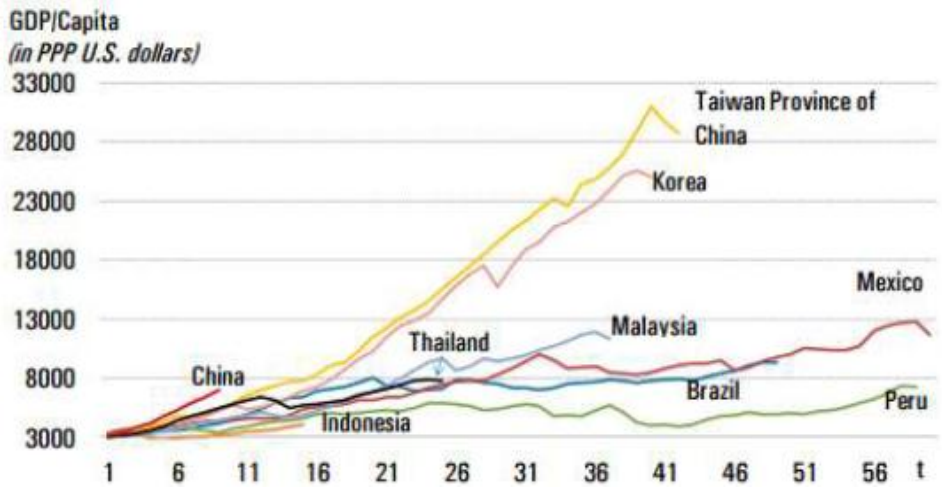

Figura 1. Evolução do Produto per capita (GDP/PP per capita)
Fonte: Adaptado de Aiyar *et al.* (2013, p.7), disponível em
www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2013/wp1371.pdf
(1) Cálculo pela equipe do FMI, em que os economistas desta instituição definiram t=0 quando o PIB *per capita* do país atingiu U$ 3.000 em PPP

O primeiro parâmetro nos atrela à expansão da infraestrutura e a uma aquecida demanda por bens agrícolas de países como a China. O segundo aposta numa veloz – e duradoura – construção de capacidades locais de modo a compensar pela ineficiência e altos custos dos estágios iniciais das políticas de favorecimento de conteúdo local. Além, é claro, de crescentemente instigar a disposição a consumir do cidadão brasileiro. Que bom seria utilizar nossas credenciais agrícolas e minerais como base para incrementar os vetores

(educação, ciência, tecnologia, inovação) que de fato empurram para cima a produtividade total dos fatores. São eles que permitem a um país escapar da armadilha da renda média. (TROYJO, 2012, aput ARTIGO, p. 2). Portanto, o Brasil passa a ser um consumista, e não inovador de valores aos fortes recursos presentes em sua dimensão, sendo assim escapar desta armadilha que influencia na renda média passa a ser questão de mobilidade e interesses sejam governamentais, sejam populacionais.

> Nas economias de baixa renda é necessário criar capacidade de produção na maioria dos bens, expandir a acumulação de capital, além de construir infraestrutura e bases educacionais. E, para isso, de acordo com Kharas e Kohli (2011), a ação das lideranças políticas na coordenação e gestão dos recursos é fundamental. É um processo de organização da produção pelo lado da oferta, com uso dos recursos e presença fundamental das instituições. Contudo, nas economias de renda média, a estratégia de crescimento é diferente, o crescimento torna-se mais capital intensivo e as capacidades técnicas ganham relevância. A economia passa a atuar em setores produtores de bens e serviços mais intensivos em tecnologias. E, para a transição a níveis superiores de renda, a produção deve ser orientada para setores de elevada produtividade. SONAGLIO *et. al.* (2017, p.6).

O fator economicamente viável passar a atingir à população devidamente preparada ao nível educacional e capacitação, de maneira que lideranças sejam um ponto de partida, assim como as parcerias infraestrutural em preparações de pessoas ao mercado competitivo, tais atitudes passa a consolidar em conhecimento e habilidade e na consequência o nivelamento na renda média em suas influencias, movimentando a economia e recursos alocados.

> Os países iniciam suas jornadas de desenvolvimento industrial na região R1 da Figura 2, abaixo. Nessa região, a economia ainda é essencialmente rural, com baixas taxas de urbanização e alta participação da agricultura no PIB. À medida que o fenômeno de urbanização ocorre, cresce a demanda por produtos industriais básicos. A região R2 caracteriza, portanto, a fase de desenvolvimento em que a indústria de base, manufaturas de baixo valor adicionado e serviços tradicionais substituem a agricultura como principal vetor de produção da economia. Se a economia obtiver sucesso ao produzir essa nova dinâmica do desenvolvimento industrial, a armadilha da renda média será superada, alcançando-se as regiões R3-R4. Nesse momento, a indústria ainda desempenha função central na economia, mas o setor deixa de ser o principal gerador direto de valor adicionado, dando lugar aos serviços profissionais e comerciais. Como mostra a Figura 3, Brasil, China e Estados Unidos são casos representativos das regiões de desenvolvimento industrial mencionadas acima. (SOUSA, Renan Abrantes, 2017, p. 3).

Quanto à situação, vale relatar, que o incentivo ao foco da sustentabilidade de tais recursos possa resgatar este cenário, tornando o R1 a florescer pela mobilidade rural, porém o desenvolvimento passa a ter um preço, e a descoberta populacional ao uso da economia rural ao ambiente R3 e consequente R4, influenciando continuamente no PIB, logo a visão sustentável não de ser uma alternativa dos últimos anos, acreditando na capacidade do ser humano em resgatar tais valores, assim irá contribuir ao desenvolvimento econômico de fronteira.

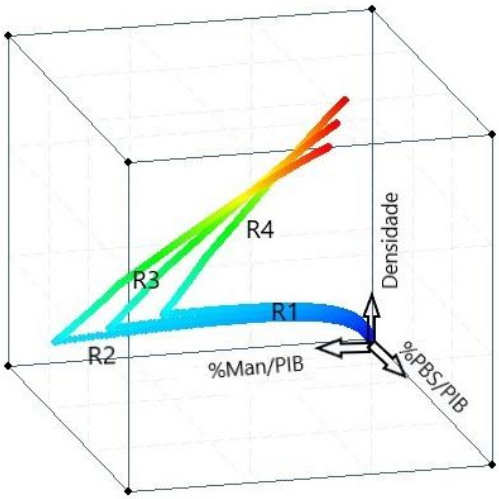

Figura 2 – O espaço-indústria 3D

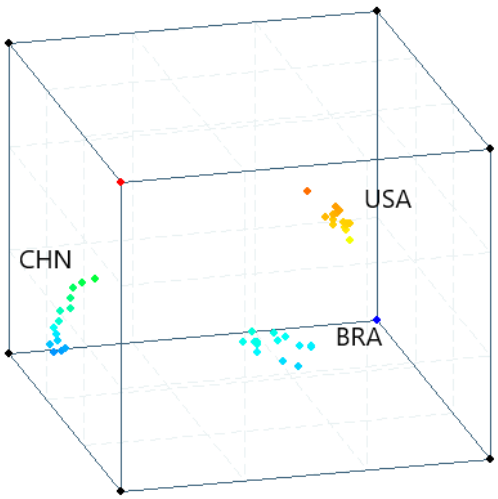

Figura 3 – Espaço-indústria – Países selecionados

4. Como evitar cair na armadilha da renda média?

Mueller (2014) sintetiza o conceito de armadilha de renda média (Figura 4), mostrando que alguns países com renda média são incapazes de manter taxas de crescimento sustentáveis (linha verde) e entram em uma trajetória de crescimento fraco (linha continua vermelha). Segundo o autor, manter as taxas de crescimento registradas nos períodos de decolagem torna-se inviável, pois os diferenciais de rendimento e os excedentes de fatores - que vão sendo incorporados no processo de produção – tornam-se cada vez mais escassos. Em geral ocorre um esgotamento do estoque de trabalhadores do meio rural e os salários começam a se elevar, diminuindo a competitividade dos bens produzidos com mão de obra intensiva. Ademais, a disponibilidade de recursos para a aquisição das importações intensivas em tecnologias necessárias às etapas posteriores de industrialização e do adensamento da estrutura produtiva não acompanham a necessidade de crescimento da produção. MUELLER *et. al*, (2017, p.7). As evidências se apresentam à consolidação ao meio rural fomentando a sustentabilidade, sobretudo a migração às áreas populacionais passa a desestabilizar a

economia deste meio pela falta de mão de obra desta natureza, e baixa de rendimento da produtividade, compreendendo que o incentivo à manutenção da produção rural possa a ser uma estratégia sustentável, passando a evitar a queda da armadilha da renda média, pois a ativação do mecanismo de desenvolvimento ativa a valorização dos recursos junto ao mercado competitivo, este incentivo poderá seguir uma trajetória de crescimento, se fazendo refletir o contexto da figura 4 abaixo.

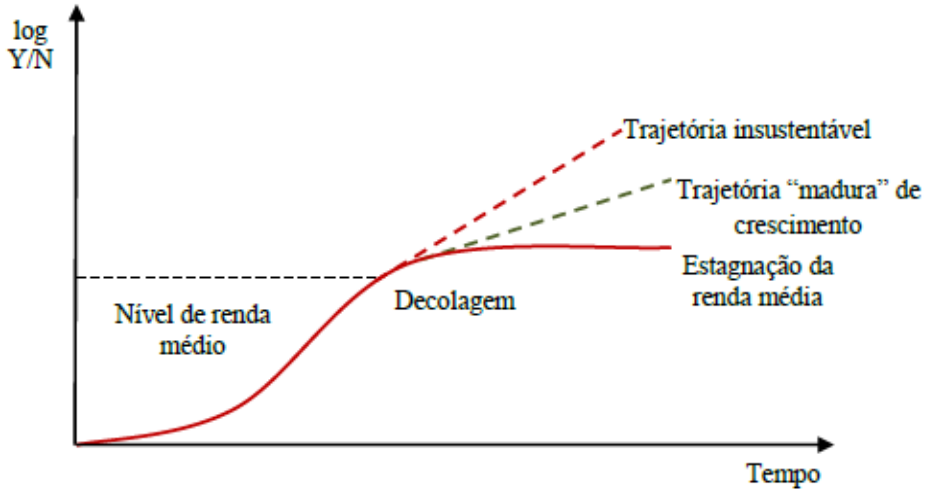

Figura 4. Trajetórias de crescimento das economias
Fonte: Adaptado de Mueller (2014).

"... para evitar que a China permaneça apenas como país de renda média está o aprofundamento das reformas da economia, a busca de maior eficiência e de um crescimento baseado em tecnologia, proteção do meio ambiente e questões sociais, e a melhoria de qualidade de vida da população em aspectos como moradia, emprego e educação." (CARNEIRO, 2013, aput SEMINÁRIO... p. 2). A relação China e desenvolvimento torna o desafio pra renda média passar à alta, considerando um investimento tecnológico representativo, porém com responsabilidades socioambientais que passa a ser foco de objetivos e metas a serem alcançadas pra manter esta renda média considerável, logo a representatividade sustentável é manter um processo com melhoramento contínuo, garantindo a qualidade de vida às gerações presentes e futuras, não afetando a elevação de renda média à alta.

"... Para obter maiores níveis de produtividade, o Brasil teria de abandonar o atual sistema de capitalismo de estado, o qual foi escolhido como o caminho para a decolagem. Para sair da armadilha da renda média, o Brasil tem de abrir sua economia para o capitalismo empreendedorial da destruição criativa." (MUELLER, Antony, 2016, aput ARTIGO, p. 5). O Brasil em visão holística pelo investimento tecnológico possa sobreviver de zonas críticas, acreditando na inovação dos valores, investir em pessoas, em resultados, movimentando a economia ao norte empreendedor de respostas por resultado consistente pelo valor dos recursos próprios, podendo ser possibilidade da fulga desta armadilha da renda média.

> Quando um país aumenta o salário médio de sua força de trabalho sem ampliar sua produtividade, os empresários ficam "desestimulados" pela queda de rentabilidade em seus investimentos e mudam de casa. Há um limite para se ampliar a renda média dos trabalhadores, sem derrubar lucros. Daí o termo "armadilha". Ocorre que o aumento da produtividade é dependente de fatores importantes e que sofrem o

> efeito de passivos históricos: é o caso da educação. Portanto, não são de fácil e rápida solução. Mas para os empresários, os quais só agora se interessaram pela qualidade da educação, isso não conta. É preciso resolver de imediato o problema educacional para puxar o aumento de produtividade de imediato. Sem isso, dizem, perde-se competitividade internacional – ou seja, os lucros não são os esperados. (FREITAS, Luiz Carlos. 2013, p. 1).

No relato acima nas possibilidades do Brasil evitar se expuser neste tipo de cenário, no caso da armadilha da renda média, a possibilidade de atuar na base do processo que é o ser humano, assim atuar na evolutiva educacional, principalmente em zona rural que traz na falta deste incentivo a população segue em procura, desestabilizando este território, afetando a produtividade e economia local, então é preciso criar base, nivelando o conhecimento ao cotidiano da comunidade, contribuindo ao fator cultural, evitando esta zona se tornar excluída, e insatisfeita ao patamar de informação econômica de sua fronteira e contribuição à frente de desenvolvimento.

"A armadilha da renda média recai justamente na dificuldade em alterar a função da indústria na economia, que deverá se transformar não só no principal conector entre os setores econômicos, mas também em catalizador de serviços de alto valor adicionado." (SOUSA, Renan Abrantes, 2017, p. 3). Portanto, evitar este tipo de situação, no caso a "armadilha", é neutralizar o impacto da economia em cada área em desenvolvimento, seguindo em busca de valores populacional frente à produtividade capaz de rendimentos à política cultural de cada região.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas em artigos técnicos de experiências de diversos autores em relação ao contexto "a armadilha da renda média" com o mapeamento das informações, conduzida, conforme os itens abaixo:

a) Seleção de artigos técnicos;
b) Análises de experiências de outros países e Brasil;
c) Comparativos dos dados;
d) Interpretação de dados de comportamento econômico;
e) Proposta a considerar como fase conclusiva.

Resultados e Discussão

Os estudos apresentam que no nível de Brasil, a considerar os dados do Banco Mundial quando expressa o enquadramento da renda média alta *(tabela 1, p.4)*, é preciso um despertar e procurar estratégias em sair do nivelamento desta renda média, acreditando que é possível uma mobilidade de recursos e forças políticas, econômica e populacional em reavaliar as possibilidades diante de recursos significativos alocados em sua geografia, tornando possível fugir desta "armadilha", possível sim evitar se expuser em transições de rendas indesejadas.

Dentre as experiências se pôs em alertar o desenvolvimento do mercado industrial e suas possibilidades ao crescimento econômico e que chega à elevação populacional se contrapondo a própria renda per capita, pois a falta de controle de natalidade passa a ser maior representatividade em relação a aceleração da produção industrial, podendo tornar o sistema populacional insustentável ao desenvolvimento econômico. É interessante o tipo de estabilidade aos países sul-americanos, posicionados *(figura 1, p. 6)* pertinente a evolução do

produto per capita, possibilitando ao entendimento do grau de importância aos recursos em acesso, no caso de Brasil, nivelando até com Peru e Indonesia, impossibilitando aos ingressos dos valores de infraestrutura tecnológica, educação, inovação, entre outros.

Vale considerar as jornadas de desenvolvimento industrial, despertando a área rural e correlação com o PIB, expressado nas *(figuras 2 e 3, p. 7 e 8),* assim como o comportamento *R1, R2, R3 e R4,* em relação ao desenvolvimento urbano pela presença industrial e suas necessidades e incentivos pessoal e profissional que possam fomentar em sustentabilidade socioambiental coerente a qualidade de vida e valores dos envolvidos, influenciando no vetor de produção da economia, assim o Brasil passa a ser um referencial pela capacidade de tais recursos, podendo se tornar referência na luta em não cair na armadilha da renda média.

No entanto, o despertar em certos países se tornarem frágeis ao equilíbrio da sustentabilidade, cada crescimento passa a se tornar um tanto vulnerável às taxas econômicas quando se relaciona aos processos de produção pela redução da mão de obra nesta zona rural com isso onera este recurso produtivo, esta correlação está vinculada umas possíveis trajetórias de crescimento equilibradas casam uma possível neutralização deste tipo de cenário, possível pelo presenciamento apresentado na (*figura 4, p. 9),* no caso na trajetória de crescimento das economias. Portanto, se torna considerável o Brasil mobilizar os recursos, fortalecer a eficiência de mobilidades, politicas e infraestrutura, tendo na capacidade em assumir os compromissos socioambientais, e avanço da tecnologia capaz de estabelecer a concorrência e fator manter do sistema produtivo em evitar a armadilha de renda média.

Conclusões

Os desafios "a armadilha da renda média" levam às experiências de mobilidade econômica em determinado esfera e países, em se manter aos momentos de transição de rendas baixa, média e alta, evitando a queda e promovendo estabilidade. S compreende que no enfoque da China se evidencia em evitar cair neste tipo de "armadilha", refletindo por outros países, assim cabe ao Brasil em reavaliar os conceitos de desenvolvimento econômico e procurar uma forma estratégica pra se posicionar nas transições das rendas, tais como da baixa pra média e desta pra alta sem afetar o desenvolvimento, mesmo compreendendo que a partida um não planejamento venha interferir significamente a estabilidade, devendo valorar o recurso existente que possam subsidiar em oportunidades de melhorias infraestrutural, e social não afetando negativamente cenário econômico, servindo de referência em todas as esferas.

Torna-se importante uma atuação nas modelagens dos desenvolvimentos econômicos, tornando possíveis as conduções de ações diferenciadas em não estagnar tais rendas, devendo aos créditos e possibilidades de inovação que conduza ao crescimento de mercado principalmente na base rural, mobilidade organizacional com inovação de políticas e valores culturais com visão holística, a criar valores de adaptação e representatividade de realidade e inovações, neutralizando as rotinas de pessoas, processo, produtos e serviços, a avançar pelo desenvolvimento, e acreditar nos recursos existentes como transformador de resultados.

Em proposta com o pensamento sustentável passa a se apresentar como estratégia à eliminação de passivos improdutivos que predispões nas vulnerabilidades das "armadilhas", em maior proporção fica em evidência a necessidade de evitar cair na armadilha da renda média, refletindo diante dos cenários as capacidades se tornar seus crescimentos, sejam por meio de recursos próprios, naturais, valores políticos e mobilidade populacional sensatos aos

novos conceitos de produtividade e rentabilidade, ativando o mercado competitivo, fomentando a produção contínua e de responsabilidade socioambiental, valorando a trajetória de crescimento possível, valendo ao perfil (figura 4, p, 9) evitando assim o estagnar da renda média adquirida, tornando possível a neutralização do cenário crítico evitando impactos desta natureza, no caso "a armadilha da renda média".

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Lucianne. China: a missão de evitar a armadilha da renda média. Disponível em: https://oglobo.globo.com/ . Acesso em: 19 fev. 2018.

FREITAS, Luiz Carlos. Armadilha da renda média. Disponível em: https://avaliacaoeducacional.com . Acesso em: 21 fev. 2018.

INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL. O Brasil na armadilha da renda média. Disponível em: https://mises.jusbrasil.com.br/ . Acesso em: 19 fev. 2018.

MUELLER, Antony. O Brasil na armadilha da renda média. MISES BRASIL. Disponível em: https://mises.org.br/Article . Acesso em: 20 fev. 2018.

SOUSA, Renan Abrantes. A Armadilha da Renda Média no Espaço-Indústria. Disponível em: https://economiadeservicos.com/. Acesso em: 20 fev. 2018.

SONAGLIO, Cláudia Maria. MISSIO, Fabrício José. PEREIRA, Hugo Carcanhoto Iasco. A armadilha da renda média: trajetória brasileira e apreciações críticas. Rede / revista debate econômico. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/revistadebateeconomico/. Acesso em: 20 fev. 2018.

TROYJO, Marcos. A armadilha da renda média. Disponível em: https://www.institutomillenium.org.br/artigos. Acesso em: 20 fev. 2018.